UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA

CÁTIA CILENE DA SILVEIRA TITONI

Dislexia na Educação Escolar: técnicas e metodologias para trabalhar com o aluno disléxico

Porto Alegre
2010

CÁTIA CILENE DA SILVEIRA TITONI

Dislexia na Educação Escolar: técnicas e metodologias para trabalhar com o aluno disléxico

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FACED/UFRGS.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Natália de Lacerda Gil

Tutora: Prof.ª Márcia Campos

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto
Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann
Pró-Reitora de Graduação: Profa. Valquiria Link Bassani
Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll
Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus,
a minha família, a minha professora Natália
e a minha tutora Márcia.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço a Deus por ter me dado o dom da vida.

- Aos meus pais que foram o alicerce da minha vida, dando-me amor, carinho, acreditando em meu potencial.

- Ao meu marido, meu grande incentivador, que esteve sempre ao meu lado nesta jornada.

- Aos meus filhos, pela compreensão que demonstraram nas horas que estive ausente, obrigada pelo seu amor.

- As minhas colegas de curso, Fárida, Maria Verônica, Zélia e, principalmente, a minha irmã Sandra pelo companheirismo na caminhada de todo este curso.

- A todos que, de alguma maneira, contribuíram para elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso.

- A Professora Natália e a tutora Márcia pelas suas dedicações, orientando-me, na elaboração e conclusão deste TCC.

Não há no universo, duas coisas iguais. Muitas se parecem umas com as outras, mas todas entre si diversificam. Os ramos de uma só árvore, as folhas de uma mesma planta, os traços da polpa de um dedo humano, as gotas do mesmo fluído, os argueiros do mesmo pó, as raias do espectro de um só raio solar ou estrelar. Tudo assim, desde os astros do céu, até os micróbios no sangue, desde as nebulosas no espaço, até os aljôfares do rocio da relva dos prados.

(Rui Barbosa, 1997)

Resumo

O objeto de estudo deste TCC é a busca de uma prática docente que vise auxiliar o trabalho com crianças com dificuldades de aprendizagem, sugerindo atividades que poderão ser desenvolvidas com crianças, bem como esclarecimentos aos professores sobre a dislexia, suas causas, diagnóstico, avaliação e tratamento.

Tem como principais objetivos tornar conhecido entre nós educadores o que realmente é dislexia, proporcionando igualdade, a partir de técnicas e métodos, durante o processo de aprendizagem, no ambiente escolar.

A dislexia é um transtorno de aprendizagem caracterizada por uma dificuldade na área da leitura, escrita e soletração. A dislexia costuma ser identificada nas salas de aula durante a alfabetização, sendo comum provocar uma defasagem inicial de aprendizado. È um funcionamento inadequado do lobo temporal, responsável pela linguagem lida e escrita. Os lobos temporais estão localizados na zona por cima das orelhas tendo como principal função processar os estímulos auditivos, reconhecimento, identificação e nomeação de objetos.

É muito difícil seu entendimento, por isso muitas vezes é mal interpretada por profissionais da educação, como por parte da própria famíla que são leigos no assunto, tornando mais difícil o diagnóstico da dislexia. Por isso é muito importante uma grande atenção por parte dos professores para que este diagnóstico não se torne muito tardio, prejudicando ainda mais o aluno.

Também faz-se necessário que as equipes multidisciplinares compostas por psicopedagogos, médicos, psicólogos, profissionais da educação, bem como os próprios pais envolvidos, favoreçam para o desempenho deste aluno na escola, podendo o mesmo usufruir de sua cidadania. É direito de todos os cidadãos brasileiros a educação, sendo a inclusão escolar.

Para elaboração deste TCC foram pesquisadas bibliografias diversas e analisados vários autores, publicações, site, revistas, que muito contribuíram para o entendimento da dislexia. Tendo como metodologia o estudo de caso, onde o mesmo favorece a compreensão do assunto em estudo de forma objetiva, prática e eficaz, onde é através de observações e práticas diárias que podemos ter resultados sobre o assunto em estudo.

Por ser a dislexia um distúrbio de aprendizagem presente nas escolas e pouco conhecido entre os professores, espera-se que esse estudo contribua para auxiliar a prática educativa, colaborando assim, no processo de inclusão deste aluno no ambiente escolar, especialmente nas séries iniciais.

Segundo Frank: “A leitura para a criança com dislexia não é divertida como para tantos jovens leitores”. Analisando a frase, vemos que é de suma importância à sensibilidade que o educador deve ter para com este aluno, para que não o torne cada vez mais rotulado pela sua dificuldade de leitura, mas que através de seu conhecimento possa oferecer ao mesmo as melhores formas de realizar suas tarefas cotidianas, bem como sua integração com os colegas.

Palavras chaves: Inclusão Escolar, Dificuldade mental e patologia de ler, Distúrbio da linguagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **09**

CAPÍTULO I – SOBRE A DISLEXIA **11**

1.1: Histórico da dislexia **11**

1.2: Diagnóstico da Dislexia **13**

1.3: Conceito, causas e consequências da Dislexia **15**

CAPÍTULO II – DISLEXIA NO AMBIENTE ESCOLAR **18**

CAPÍTULO III – TÉCNICAS E MÉTODOS PARA TRABALHA COM O DISLÉXICO NA ESCOLA **27**

3.1 – Auto-estima elevada ajuda no tratamento **29**

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DE DADOS: A vida escolar de um disléxico **34**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **43**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **44**

APÊNDICES **47**

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso concentra a atenção no tema dislexia, observando a inclusão da criança disléxica nas séries iniciais, nos ambientes escolares.

O interesse por essa temática surgiu a partir deste ano, por ter recebido um aluno com dislexia e não conhecer sobre este tipo de transtorno, ficando um pouco apreensiva de como seria ter este aluno e de que forma atendê-lo adequadamente para atingir os objetivos propostos, encontrando alternativas para que ele pudesse sentir-se feliz, acolhido e incluso junto aos demais alunos. Também pelas dificuldades encontradas hoje no cotidiano escolar, em especial nas séries iniciais, relacionadas à leitura e escrita, onde nós educadores, sendo leigos neste tipo de assunto, temos mais dificuldade para auxiliar nossos educandos que trazem esse tipo de transtorno.

Os elementos até aqui considerados permitem supor que a inclusão dos alunos com dislexia no ambiente escolar é muita tranquila, porém necessitamos de auxílio de monitoria, sendo uma profissional da educação que nos auxilia durante as atividades escolares, perante as atividades que exigem leitura e escrita, já que o aluno disléxico não consegue ler e interpretar sozinho.

Também é necessário realizar um trabalho de conscientização dos alunos da turma para que os mesmos compreendam a necessidade de manter alguém o auxiliando, devido às limitações que ele apresenta na parte de leitura e escrita. Faz-se necessário também ouvir a família para compreender e entender melhor como a mesma vê este transtorno e o que faz para auxiliar a criança. É preciso que a família reconheça que muitas vezes estas dificuldades de inclusão vão desde a discriminação por parte da sociedade, como dentro da própria escola e família.

Pretendendo elucidar esse aspecto, buscou-se investigar o que é dislexia e como podemos ajudar a criança a enfrentar esse distúrbio sem que se sinta discriminada.

Com esse intuito optou-se por analisar os ambientes escolares, realizando entrevistas com a família, colegas, amigos do aluno disléxico e especialista na própria escola.

Tal estudo colocou-se os seguintes objetivos:

1)Tornar conhecido entre nós, professores, o que é dislexia, suas causas, diagnóstico, avaliação e tratamento e como podemos ajudar a criança a enfrentar esse distúrbio sem que se sinta prejudicada.

Tal esforço se justifica pela importância do tema, visto que grandes dificuldades são encontradas, principalmente por parte dos professores das séries iniciais que trabalham com alunos que apresentam problemas no processo de leitura e escrita, sendo o maior obstáculo para estes profissionais a busca de alternativas de inclusão destes alunos no ambiente escolar.

CAPÍTULO I – SOBRE A DISLEXIA

1.1 Histórico da dislexia

Tendo em vista as várias definições para dislexia, considera-se importante fazer um relato sobre o histórico deste transtorno, incluindo avanços nas pesquisas que vêm ocorrendo nos últimos cem anos. Sabe-se que é uma dificuldade específica de aprendizagem da leitura e escrita, e sem cura, mas que pode ser melhorada em até 80% desde que diagnosticada e tratada de forma adequada.

Estima-se que entre 10% a 15% da população mundial sofra de dislexia. Entre três a quatro estudantes em uma classe de 30. No Brasil, dados da Associação Brasileira de Dislexia – ABD indicam que, em média, 40% dos casos diagnosticados na faixa mais crítica, entre 10 a 12 anos, são de grau severo, 40% são de grau moderado e 20% são de grau leve.

O reconhecimento da dislexia de evolução como problema constitucional foi citado num trabalho realizado por Reinhold Berlin, médico inglês que em 1872 usou pela primeira vez o termo dislexia. Outros pesquisadores como W. Pringle Morgan, médico inglês, em 1896, e James Kerr, em 1897, também utilizaram estes estudos. A partir de 1917, James Hinshelwood publicou uma monografia sobre “Cegueira Verbal Congênita”, quando trabalhou com adultos afásicos (problemas de origem em lesões cerebrais). Ele encontrou distúrbios infantis com sintomas idênticos, mas sugeriu que os problemas da dislexia seriam orgânicos, e ainda levantou a hipótese de serem hereditários. Constatou nesta época a incidência maior em meninos, tese sustentada ainda hoje.

No início do século XX, os psicólogos e educadores deram pouca importância aos distúrbios de linguagem, estavam mais preocupados com o aspecto pedagógico do problema, o qual seria resolver de imediato os erros ortográficos do que realizar uma investigação mais profunda sobre suas causas. Outras contribuições

importantes nesses estudos são de profissionais oftalmologistas norte-americanos, os quais observaram em determinados pacientes que a dificuldade para ler e escrever não estaria nos olhos, mas no funcionamento de áreas de linguagem do cérebro. Concluíram que “não são os olhos que leem, mas o cérebro”.

Em 1925, Samuel Orton, psiquiatra, neuroanatomista, interessou-se por esse distúrbio no aprendizado e fez estudos em cérebros humanos de cadáveres. Ele propôs várias hipóteses para a ocorrência da dislexia e também vários procedimentos para minimizar suas dificuldades (Ianhez & Nico, 2003). Segundo Condemarin & Blomquist (1988, p. 29), para explicar a origem da dislexia, Samuel Orton levantou a hipótese de uma inadequada instalação da dominância lateral: “Para esse autor, a escrita em espelho seria explicada por uma luta ou conflito entre os dois hemisférios em função da predominância”. Convém ressaltar que Orton é considerado um marco nos estudos da dislexia, “pois a partir dele o foco dos profissionais especializados passou a ser a dislexia como conseqüência de uma causa neurológica”. Em sua homenagem, após sua morte, foi criada nos Estados Unidos a Orton Dislexia Society. Outros estudiosos, como Penfield e Roberts, Milkebust, Sperry e atualmente Albert Galaburda, deram continuidade aos estudos de Orton.

Atualmente, com o avanço tecnológico, estão sendo utilizadas as tomografias computadorizadas (IRM) e PET scan (tomografia por emissão de pósitrons), as quais vêm sendo empregadas para investigar a área esquerda do cérebro, que processa a informação, ligando problemas de leitura, escrita, ortografia e aritmética às vias neurais incompletas nas regiões de processamento localizadas no hemisfério esquerdo do cérebro. Estas regiões foram identificadas pela primeira vez em 1880, por Pierre Broca (área de Broca) e Carl Wernicke (Frank, 2003). Os estudos mais recentes estão no campo psiconeurológico. O Brasil também tem sua contribuição com a pesquisa sobre “A diferença dos lobos temporais direito e esquerdo”. Em meados de 1980, recorrendo à British Dyslexia Association, na Inglaterra, um pai finalmente encontrava respostas para dificuldades que seu filho vinha apresentando na escola. De volta ao Brasil, sob orientação da entidade inglesa, iniciava encontros com um seleto grupo, na intenção de fundar a Associação Brasileira de Dislexia.

Nascia, em 1983, a Associação Brasileira de Dislexia – ABD. No início apenas um ponto de estudos, encontros, trocas de informações e divulgação da dislexia com apoio de entidades internacionais. Em 1988, iniciavam-se as atividades do CAE-Centro de Avaliação e Encaminhamento, para atender ao pedido de pais, à demanda criada pela divulgação e aos profissionais em busca de respostas e orientações mais concretas.

Com a antiga Orton Dyslexia Association (atual International Dyslexia Association – IDA**)** realizando as mais avançadas pesquisas na área dos distúrbios de aprendizagem, a ABD estreitou as relações com a entidade norte-americana.

Em 1994, a ABD, trabalhando diretamente com Dr.Galaburda, realizou uma pesquisa sobre a diferença dos lobos temporais direito e esquerdo. Essa pesquisa não só veio confirmar a teoria do Dr.Galaburda de que os disléxicos, em sua grande maioria, apresentam o volume do lobo temporal direito mais aumentado, mas ainda inusitadamente veio confirmar outra hipótese: o fator hereditariedade em famílias de disléxicos.

1.2 Diagnóstico da Dislexia

Por ser um transtorno ligado à leitura e escrita, torna-se difícil um diagnóstico precoce, pois os sintomas só se manifestam quando a criança começa a ler. Mas os casos mais sérios ou graves já podem ser percebidos antes, como, por exemplo, o atraso na fala.

Pais e educadores devem dar importância quando observarem certas dificuldades das crianças. Frank (2003, p. 5) salienta que “uma avaliação da capacidade de leitura como velocidade, decodificação, memória, compreensão e capacidade intelectual (QI) feita na escola ou em outra instituição especializada, pode determinar se a criança é ou não disléxica". No entanto, Hout (2001) e Frank (2003) explicitam que especialistas vão recomendar exames complementares para verificar problemas visuais ou auditivos, o que reforça a necessidade de uma avaliação multidisciplinar para chegar a um diagnóstico conclusivo e descartar

outros problemas de aprendizagem. Por essa razão, esta avaliação diagnóstica é considerada de exclusão.

Vários pesquisadores, entre eles psicólogos, neurologistas e psicopedagogos enumeram alguns sinais que auxiliam no diagnóstico da dislexia.

* Baixa autoestima;
* Dificuldades para soletrar;
* Dificuldades para ler em voz alta;
* Confusão com direita e esquerda;
* Problemas para seguir direções;
* Demora a terminar exercícios de escrita;
* Dificuldades com a matemática;
* Relutância em ir à escola.

No entendimento de Inhaez e NICO (2003), da ABD, o diagnóstico deve ser feito por uma equipe multidisciplinar. Não somente para se obter o diagnóstico, mas principalmente para se determinar ou eliminar fatores coexistentes de importância para o tratamento. Os autores afirmam que a criança deve então ser avaliada por um psicólogo, um fonoaudiólogo, um psicopedagogo e, se necessário, um neurologista. O diagnóstico deve ser significativo para os pais e educadores, assim como para a criança e todos os profissionais envolvidos devem fazer a troca de informações para confirmar o distúrbio.

É importante ressaltar que o diagnóstico eficaz no momento adequado trará benefícios à criança que tem tal transtorno, pois dessa forma os pais e educadores podem buscar tratamento e soluções mais rapidamente. A ABD assim entende a importância de tal diagnóstico, conforme elucida em seu folheto “O fracasso escolar e os distúrbios de aprendizagens”.

1.3 Conceito, causas e consequências da dislexia

Segundo Frank (2003), a palavra dislexia vem do grego, *dys*, que significa pobre, e *lexia*, que quer dizer linguagem, enfim a palavra dislexia significa linguagem pobre. A dislexia não consiste apenas em confundir letras ou ler devagar, é um transtorno de base neurológica, que não tem cura. A dislexia traz dificuldades na escrita, nas relações espaciais, nas direções, na administração de tempo, na lembrança de palavras e na memória. A dislexia não apenas está ligada à má leitura e escrita, ela apresenta outras limitações na vida diária de um disléxico, sendo que o mesmo sente-se muitas vezes diferente dos demais e percebe muitas limitações em relação às atividades do seu cotidiano, como, por exemplo, conseguir assimilar os lados direito e esquerdo, preencher um formulário em um consultório médico, memorizar o número do telefone de um colega etc.

Refletindo sobre o desenvolvimento de meu aluno, concordo com as afirmações do autor acima, pois vivencio com meu aluno muitas destas características, como por exemplo: o mesmo possui um vocabulário pobre no que diz respeito à construção de frases, parágrafos e textos. Também não possui noção de direção, como lado esquerdo ou direito.

Também nos revela Frank (2003) que há grandes chances do disléxico viver com medo. Para crianças com transtornos de aprendizagens é um medo que não passa sozinho, sem atenção. Aí vemos a grande importância tanto da família, como dos educadores, dos amigos em geral conhecerem sobre este transtorno a fim de compreenderem melhor quais as suas dificuldades para que não o coloquem em situações de medo, para que o mesmo não se sinta inferior aos demais, é preciso ter muito cuidado e deixá-lo seguro para que busque autonomia em suas tarefas. Jamais expor um disléxico a uma leitura oral sem que o mesmo esteja preparado, nunca o expor a tarefas que sabe que sem auxílio não conseguirá, isto só acarretará em frustrações e fracasso.

Este autor conceitua a dislexia como um transtorno invisível. A criança é bem consciente de que não é como as outras crianças, mas pode ser impelida a manter um véu de sigilo sobre seu transtorno. A criança tem consciência de que é diferente

das outras crianças ditas “normais”, porém quase sempre não revela às outras pessoas que possui dislexia, isto fica guardado para si e para sua família enquanto é possível. Para ele, a maioria dos disléxicos possui inteligência igual ou superior à média. Um estudo realizado pela Universidade de Washington revelou que as crianças com dislexia usam quase cinco vezes mais da área cerebral do que as “normais”. A dificuldade com a memória tanto a curto como em longo prazo é um dos aspectos da dislexia emocionalmente mais dolorosos. Temos como exemplo citado pelo autor: Imagine como um garoto de dez anos se sente quando não consegue dizer seu telefone a um amigo que conheceu na escolinha de futebol.

Concordando com o autor acima citado e retomando o caso de meu aluno, afirmo que este transtorno, dislexia, é um transtorno invisível, o qual não se pode reconhecer fisicamente, requer uma visão bem minuciosa. Quanto ao disléxico reconhecer que tem dislexia, meu aluno sabe de seu transtorno, ele identifica quais as limitações que apresenta e também, sempre que necessita, pede auxílio, porém não gosta de se expor aos colegas, procurando sempre ser muito discreto e reservado.

Também nos mostra o autor citado que o disléxico pode atingir os objetivos propostos como qualquer outro ser humano, porém seu esforço é com certeza bem maior. Terá que ter um tempo maior para seus estudos devido às limitações que apresenta tanto na parte de leitura e escrita como na parte de memorização, dificultando assim seu processo de ensino aprendizagem. O cérebro de um indivíduo com dislexia é muito peculiar, isto quer nos dizer que varia de disléxico para disléxico tendo as suas peculiaridades. Uma rotina saudável de sono ajuda a ter mais organização. Como o disléxico precisa se esforçar mais para realizar suas tarefas de rotina devido às suas limitações, o mesmo precisa ter um horário bom de sono para que no dia seguinte não se sinta tão cansado, bem como perceber em qual horário do dia consegue ter um melhor desempenho e memorização. Isto contribuirá para um maior sucesso de suas atividades diárias, quando criança e até mesmo na sua fase adulta, já que a dislexia é um transtorno para o qual não há cura. Então, o disléxico precisa aceitar o transtorno e procurar a melhor forma de ser feliz e obter resultados positivos em suas funções.

Conforme o que o autor citou acima, vivencio com meu aluno um fácil desenvolvimento na área da ciência exata, como por exemplo, a disciplina de matemática, seu raciocínio lógico o faz resolver as atividades com tranquilidade, já nas disciplinas em que precisa ler, interpretar, analisar, tudo fica mais difícil, sendo perceptível ao seu transtorno.

Percebo que a pessoa disléxica precisa de um esforço maior na realização de suas tarefas diárias, sentindo-se muitas vezes cansada, reclamando de suas tarefas. Como meu aluno disléxico realiza outras atividades de apoio fora do horário escolar em turno inverso, na sala de recursos e laboratório de aprendizagem, muitas vezes reclama de cansaço.

CAPÍTULO II – DISLEXIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Educação escolar consiste na formação integral e funcional dos educandos, ou seja, na aquisição de capacidade de todo tipo: cognitivas, motoras, afetivas, de autonomia, de equilíbrio pessoal, de inter-relação pessoal e de inserção social. Os conteúdos escolares não podem se limitar aos conceitos e sim devem incluir procedimentos, habilidades, estratégias, valores, normas e atitudes. E tudo deve ser assinalado de tal maneira que possa ser utilizado para resolver problemas nos vários contextos da vida cotidiana.

Os alunos não aprendem da mesma maneira e nem no mesmo ritmo. O que eles podem aprender em determinada fase depende de seu nível de amadurecimento, de seus conhecimentos anteriores, de seu tipo de inteligência verbal, lógica ou espacial. Por este motivo, é importante que professores passem a observar melhores seus alunos e tornem sua participação mais simples de acordo com suas capacidades, principalmente quando diagnosticada a dislexia, dando a eles chance de participar da rotina escolar de igual para igual e com maiores possibilidades de recuperar o aprendizado que não assimilaram.

Recuperar significa voltar, tentar de novo, adquirir o que perdeu, e não pode ser entendido como processo unilateral. Se o aluno não aprendeu, o ensino não produziu seus efeitos, não havendo aqui qualquer utilidade em atribuir-se culpa ou responsabilidade a uma das partes envolvidas. O compromisso da escola não deve ser somente com o ensino, mas principalmente com a aprendizagem. O trabalho só termina quando todos os recursos forem usados para que todos os alunos aprendam. A recuperação deve ser entendida como uma das partes de todo o processo ensino-aprendizagem de uma escola que respeita a diversidade de características e de necessidade de todos os alunos.

Portanto, quando há a identificação de um aluno disléxico, apresenta-se a necessidade de manter a comunidade educativa permanentemente informada a respeito da dislexia. Informações sobre eventos que tratam do assunto e de seus resultados, desempenho dos alunos portadores de dislexia, características da

síndrome, maneiras de ajudar o aluno disléxico na escola etc. Além disso, tais informações devem ser veiculadas em reuniões e por meio de cartazes, informativos internos, folder sobre o assunto etc.

A inclusão do aluno disléxico na escola, como pessoa portadora de necessidade educacional especial, está garantida e orientada por diversos textos legais e normativos. A Lei 9394, de 20/12/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), por exemplo, prevê que a escola o faça a partir do artigo 12 inciso V.

Art. 12 - Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão incumbência de:

V. prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento.

Já o artigo 24, inciso V, alínea a, prevê que a avaliação seja contínua e cumulativa, com a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período.

De acordo com o professor Mário Ângelo Braggio (2009), não é necessário que os alunos disléxicos fiquem em classe especial, pois eles têm muito a oferecer para os colegas e muito a receber deles, e essa troca de humores e saberes, além de afetos, competências e habilidades só faz crescer a amizade, a cooperação e a solidariedade. Quando todos os professores sabem que tal aluno é disléxico, e o próprio também, os professores que vão trabalhando com eles nas séries seguintes já os conhecem das anteriores e sabem como agir com eles e, assim, torna-se mais fácil o processo de aprendizagem. Quanto aos colegas, deve-se deixar a critério do aluno: se ele quiser contar para os companheiros, que o faça, se ele quiser ser auxiliado a contar para eles, que o professor o faça, se ele não quiser falar disso a terceiros, ninguém deverá fazer.

Realizei com minha turma um trabalho de conscientização, bem como de aceitação para que os mesmos compreendessem o que era dislexia e porque seu colega necessita de apoio e auxílio em suas tarefas. Verifiquei também que meu aluno tem consciência de sua necessidade educacional especial, tornando mais fácil sua aceitação de ajuda dos monitores e outros setores pedagógicos da escola, já que está na fase da adolescência e muitas vezes se sentia constrangido

perante aos demais colegas por ter alguém o auxiliando, diferente dos demais colegas que conseguem realizar as tarefas “sozinho”.

Conforme o Frank (2003), para nós educadores é primordial a busca de informações sobre este tipo de transtorno de aprendizagem, principalmente se recebermos um aluno com este transtorno o qual só poderemos auxiliar de forma correta se tivermos o devido conhecimento. Isto reflete no que vivenciei no início deste ano, pois quando recebi este aluno, não sabia o que era este transtorno, nem como lidar com o mesmo, então fui em busca de informações e pedi auxílio a todos que me cercavam.

O autor acima citado nos diz:

> [...] A leitura para a criança com dislexia não é divertida como para tantos jovens leitores. Com frequência a criança com dislexia pode inverter ou misturar as letras. Os disléxicos muitas vezes tendem a tentar adivinhar a palavra escrita, dificultando muito a leitura e a compreensão da mesma. Muitas crianças e adultos com dislexia têm dificuldades com a lembrança de palavras. Esquecimento, que é de fato a manifestação da incapacidade do cérebro de processar informações rapidamente”. Se conhecermos o que realmente é dislexia poderá ajudar nossos alunos a alcançar o sucesso e buscar seus sonhos. Analisando o dia a dia de meu aluno confirmo o que este autor nos fala, pois o mesmo apresenta grande dificuldade em memorizar conteúdos, quando necessita guardar nomes ou nomenclaturas[...]
> (Frank, 2003)

Segundo Vicente Martins (2008):” A leitura, como sabemos, seja para disléxicos ou não, é uma habilidade complexa”. Não nascemos leitores ou escritores. O módulo fonológico é o único, no genoma humano, que não se desenvolve por instinto. “Realmente, precisamos aprender a ler, escrever e a grafar corretamente as palavras, mesmo porque as três habilidades linguísticas são cultural e historicamente construídas pelo homo sapiens”. Conforme o autor nos relata, não nascemos sabendo ler, nem escrever, adquirimos este aprendizado em nossas vidas a partir do momento em que iniciamos nossa vida escolar. Temos algumas exceções em que pessoas se alfabetizam muito cedo e outra, pelo contrário, muito tarde. Para o disléxico com certeza mesmo estando alfabetizado, devido o seu transtorno de aprendizagem, sempre terá muitas dificuldades e limitações no que diz respeito a leituras e escritas.

São quatro as habilidades da linguagem verbal: a leitura, a escrita, a fala e a escuta. Destas, a leitura é a habilidade linguística mais difícil e complexa. A leitura é dos um processo de aquisição da lectoescrita e, como tal, compreende duas operações fundamentais: a decodificação e a compreensão. A decodificação é a capacidade que temos como escritores ou leitores ou aprendentes de uma língua para identificarmos um signo gráfico por um nome ou por um som. Esta capacidade ou competência linguística consiste no reconhecimento das letras ou signos gráficos e na tradução dos signos gráficos para a linguagem oral ou para outro sistema de signo. A aprendizagem da decodificação se consegue através do conhecimento do alfabeto e da leitura oral ou transcrição de um texto. Conhecer o alfabeto não significa apenas o reconhecimento das letras, e sim, entendermos a evolução da escrita como: a pictográfica (desenho figurativo), a ideográfica (representação de ideias sem indicação dos sons das palavras) e a fonográfica (representação dos sons das palavras).

Para o autor Vicente Martins:

> "Os pais, alunos e professores precisam entender que a dislexia, ao contrário do que definem alguns profissionais de educação terapêutica ou de saúde mental, não é definitivamente, uma doença ou transtorno. Para os que atuam em sala de aula, com disléxicos no ensino fundamental ou no ensino médio, cabe o juízo crítico e o discernimento pedagógico de que a dislexia é, apenas, uma dificuldade específica no aprendizado da leitura no período escolar. Os disléxicos podem aprender. Aliás, todas as crianças especiais são aprendentes em potencial. Se fracassam no período escolar, não fracassam sozinhas: a escola, do gestor ao professor, também fracassou".

Reforçando o que este autor nos coloca, nós educadores, tanto como a família, temos um papel muito importante na vida escolar de nosso aluno, pois somos a base para que o mesmo consiga ter uma vida escolar tranquila e com sucesso. Com certeza se não estivermos sempre ao seu lado, estimulando, auxiliando, dando suporte, este não conseguirá chegar a lugar algum: não é que não sejam capazes, mas apresentam algumas limitações. E no que se refere ao fato de que a dislexia não é um transtorno de aprendizagem e apenas uma dificuldade específica no aprendizado da leitura no período escolar, discordo este autor, pois a pessoa disléxica segundo a minha concepção não tem apenas dificuldade de ler,

mas também de escrever, de memorizar nomes, produzir textos, guardar informações, bem como muitas outras limitações e, como já sabemos, a dislexia não tem cura então não é somente no período escolar e sim para toda a vida. Quando adulto com certeza terá limitações em sua vida profissional, pessoal e social.

Acredito que para nós educadores é essencial que conheçamos as teorias piagetianas ou construtivista, para identificarmos melhor o processo de alfabetização e não vermos o disléxico como um doente ou paciente, mas como alguém saudável que apresenta dificuldade na aprendizagem da linguagem escrita, no momento de interação com o sistema de escrita (bastante complexo) e com os falantes de sua língua materna (marcada pela diversidade regional, por exemplo).

Revendo as etapas de desenvolvimento cognitivo, segundo a teoria de Jean Piaget temos:

→ O primeiro estágio é o **sensório-motor** é o período da vida do ser humano compreendido entre o nascimento e os dois anos de idade. Entre as principais aquisições do período sensório-motor destaca-se a construção da noção do "eu", através da qual a criança diferencia o mundo externo do seu próprio corpo. Retomando o transtorno de dislexia, o autor Vicente Martins nos afirma que não podemos apontar com segurança se uma criança sofre de dislexia neste período.

→ O segundo estágio é o **pré-operacional**, que coincide com a fase pré-escolar e vai dos dois anos de idade até os sete anos em média. Nesse período, as características observáveis mais importantes são:

* inteligência simbólica;

* o pensamento egocêntrico, intuitivo e mágico;

* a centralização (apenas um aspecto de determinada situação é considerado);

* a confusão entre aparência e realidade;

* ausência da noção de reversibilidade;

*o raciocínio transdutivo (aplicação de uma mesma explicação a situações parecidas);

*a característica do animismo (vida a seres inanimados).

De acordo com Vicente Martins, neste estágio podemos levantar a suspeita de dislexia no caso de insensibilização do educando às rimas. Esta insensibilização à rima pode ser explicada pelo déficit fonológico dos disléxicos que diante de textos em versos, por exemplo, deixam de perceber:

> * A reiteração de sons (vocais, consonantais ou combinados) iguais ou similares, em uma ou mais sílabas, geralmente acentuadas, que ocorrem em intervalos determinados e reconhecíveis.
>
> * O apoio fonético recorrente, entre dois ou mais versos, que consiste na reiteração total ou parcial do segmento fonético final de um verso a partir da última tônica, com igual ocorrência no meio ou no fim de outro verso.

Como dizer com segurança se uma criança, na educação infantil, apresenta dislexia? A desconfiança de um problema futuro com a linguagem escrita, por apresentar déficit de fala, é um indício forte, mas seria precipitação do professor ou dos próprios pais o rótulo de "disléxico" para toda criança que, na educação infantil, tem atraso na fala ou uma fala confusa.

Em todo caso, vale lembrar que, neste estágio de desenvolvimento cognitivo, não há, ainda, a mediação fonológica, uma vez que não está alfabetizada em leitura. Pelo menos, não é na educação infantil que a criança, no ambiente escolar, precisa aprender a ler no sentido de decodificação leitora, mas, claro, poderá ler o mundo, na perspectiva mais ampla, através das várias manifestações dos signos visuais, linguísticos, icônicos e símbolos em que estamos imersos na sociedade letrada.

→ O terceiro estágio é o **operatório concreto**, que dura dos 7 aos 11 anos de idade em média. É quando a criança começa a lidar com conceitos como os números e relações. Esse estágio é caracterizado por uma lógica interna consistente e pela habilidade de solucionar problemas concretos.

* Por volta dos 7 anos, o equilíbrio entre a assimilação e a acomodação torna-se mais estável;

* Surge a capacidade de fazer análises lógicas;

* A criança ultrapassa o egocentrismo, ou seja, dá-se um aumento da empatia com os sentimentos e as atitudes dos outros;

* Mesmo antes deste estágio a criança já é capaz de ordenar uma série de objetos por tamanhos e de comparar dois objectos indicando qual é o maior, mas ainda não é capaz de compreender a propriedade transitiva (A é maior que B, B é maior que C, logo A é maior que C). No início deste estágio a criança já é capaz de compreender a propriedade transitiva, desde que aplicada a objectos concretos que ela tenha visto;

* Começa a perceber a conservação do volume, da massa, do comprimento, etc.

Retomando ao autor Vicente Martins, este é o estágio da construção da lógica. Crianças, por exemplo, que têm dificuldade de fazer a correspondência entre letras e fonemas, isto é, de perceber o princípio alfabético do sistema de escrita da sua língua materna, são aspirantes à dislexia. Aqui, sim, uma criança que não tem assegurado no seu aprendizado o princípio alfabético tem tudo para apresentar dificuldade em ler um texto, seja em prosa ou em verso.

→ E, por último, temos o estágio de desenvolvimento cognitivo **operatório formal** – desenvolvido a partir dos 12 anos de idade em média – quando o adolescente começa a raciocinar lógica e sistematicamente. Esse estágio é definido pela habilidade de engajar-se no raciocínio proposicional. As deduções lógicas podem ser feitas sem o apoio de objetos concretos. O pensamento hipotético-dedutivo é o mais importante aspecto apresentado nessa fase de desenvolvimento, pois o ser humano passa a criar hipóteses para tentar explicar e sanar problemas, o foco desvia-se do "é" para o "poderia ser". As bases do pensamento científico aparecem nessa etapa do desenvolvimento.

De acordo com o Vicente Martins(2008):

1) É a fase em que a criança raciocina. Crianças que aprendem a deduzir informações aprendem a aprender. Aqui se espera que a criança já tenha a automatização dos processos de leitura, podendo realizar uma leitura de texto com fluência e rapidez uma vez que a criança não efetua mais uma decodificação sistemática da sequência ortográfica da palavra.

Os disléxicos, neste estágio, dão aos professores, seus grandes observadores, os primeiros indícios de suas dificuldades leitoras, escritoras e ortográficas, ao conseguirem, inesperadamente, depois de tantos anos de bancos escolares, a automatização leitora, fracassando na hora de ler um texto em voz alta ou de soletrar algumas palavras não familiares, e, com isso, em geral, acabam perdendo um tempo precioso de leitura eficaz ao se concentrarem no tratamento das letras que constituem as palavras, a fim de decodificá-las para não errar, o que acaba por conduzir a leitura de forma lenta, sofrível e analítica.

2) No discurso dos pais e educadores, o "defeito inesperado" na leitura dos disléxicos, em geral, com quociente de inteligência acima da média, gera uma gama de reações inusitadas e, por isso, surgem rótulos, dentro e fora da escola, do tipo: meu filho ou meu aluno tem uma leitura abrupta, acidental, brusca, casual, episódica, impensada, imprevisível, imprevista, incalculada e incomum.

3) A leitura, sim; o leitor, não. A leitura em voz alta dos disléxicos poderá ser assim percebida pelos que estão ao seu redor, mas, não tenhamos dúvida, eles, os disléxicos, já buscam compensações para superar suas dificuldades específicas, o que certamente exigirá dos que atuam no campo educacional um princípio de tolerância no desenvolvimento da capacidade de aprender a ler desses alunos especiais.

4) Numa palavra, os disléxicos requerem uma intervenção paciente e encorajadora dos que têm formação profissional e responsabilidade de ensinar a crianças, jovens ou adultos inteligentes e interessados em aprender, mas com necessidades educacionais especiais e que nos levam a entender que as diferenças

linguísticas nos tornam mais especiais, belos e excelentes aos olhos magníficos dos homens e ao olhar eternamente magnânimo de Deus.

Segundo Frank, a equipe de apoio da escola deve ser uma aliada no trabalho pelos interesses do aluno disléxico. Estar perto de pessoas que o apóiam é extremamente importante. É impossível proteger a criança de todas as pessoas desagradáveis e desencorajadoras do mundo. O importante é procurar as positivas e que tenham pontos de vista otimistas, e tomar cuidado com os indivíduos que querem se concentrar nas incapacidades da criança e não nas capacidades.

A afirmação abaixo citada foi retirada do artigo “Nada mais verdadeiro do que afirmar que somos diferentes”, do autor Antonio Efro Feltrin (2008):

“Na natureza convive-se com a diferença. Em sociedade também. Mesmo assim, nas comunidades humanas as diferenças não são aceitas. Prefere-se viver e lidar com os iguais. Criam-se padrões de ser e de se comportar. Os que fogem deles, em geral mais para baixo do que para cima, são discriminados, muitas vezes, ridicularizados. Os que se tornam prejudiciais ou incômodos são excluídos, separados, punidos. Dentre todos há os que não se importam e há os que sofrem com o tratamento”.

Conforme a citação, posso afirmar que nós seres humanos temos muita dificuldade em aceitar o diferente, somos educados para seguir um padrão de comportamento e de modelo. Muitas vezes as pessoas são discriminadas por suas diferenças e sofrem muito com esta rejeição.

Vivemos em uma sociedade consumista, em que o poder está em primeiro lugar, não valorizando o ser e sim o ter. Acredito que para nós educadores é essencial que desenvolvemos em nossos alunos, principalmente o respeito e o amor pelo próximo.

CAPÍTULO III – TÉCNICAS E MÉTODOS PARA TRABALHAR COM O ALUNO DISLÉXICO NA ESCOLA

De acordo com o pensar de muitos autores sobre dislexia, vimos que existem muitas técnicas e métodos que são favoráveis ao aprendizado dos alunos disléxicos, de modo que devemos ir à busca destas informações quando nos deparamos com este tipo de inclusão.

Segundo Frank (2003), existem ferramentas e estratégias para o disléxico alcançar sucesso em sua vida escolar, seguem alguns exemplos.

A comunicação: É importante manter os canais de comunicação abertos com os professores, discutindo os problemas e estratégias com eles, encontrando o melhor estilo de aprendizagem para este aluno.

Ferramentas para a leitura: Pedir que o mesmo leia e releia o material, conversar sobre o que leu, dar mais tempo para as leituras, ler aos poucos com intervalos frequentes, utilizar livros com versão em áudio, assistir a um filme inspirado no livro etc.

Auxílio temporal e sequencial: ouvir fatos, em vez de ler sozinho, usar métodos multissensoriais, a professora usar cartazes e linhas do tempo, utilizar revistas velhas para selecionar figuras que representem o conteúdo a ser organizado em sequência.

Ferramenta para escrita: dar instruções claras para os exercícios de escrita, reescrever as instruções com suas próprias palavras, usar um processador de texto para digitar o trabalho.

Estratégias para ortografia: dialogar com a professora sobre a ortografia como problema específico para o disléxico, criar uma caixa de palavras etc.

Mesmo observando estas técnicas e métodos também é indispensável um olhar muito seguro em relação à avaliação, sendo que o aluno deve dispor de uma forma avaliativa diferenciada dos demais, pois o disléxico tem dificuldades para ler e, em geral, pode lidar melhor com as partes do que com o todo. Assim sendo, o

reeducador pode orientar os professores a melhorarem sua avaliação adotando as seguintes sugestões:

1) Evitar avaliações que contenham exclusivamente textos, sobretudo textos longos;

2) Utilizar uma única fonte simples em toda a prova;

3) Ao empregar questões falso-verdadeiro ou em questões de associações deve-se evitar o uso da negativa e também de expressões absolutas, incluindo somente uma ideia em cada afirmação; em questões de lacuna, fazer com que a lacuna corresponda à palavra ou expressão significativa que envolvam conceitos e conhecimentos básicos essenciais e não detalhes secundários;

4) Conservar a terminologia presente no livro adotado ou no registro feito em aula;

5) Ler a prova em voz alta antes de iniciá-la;

6) Dar-lhe mais tempo para realizar a prova;

7) Elaborar mais avaliações e menos conteúdos para que o aluno possa realizá-la num tempo menor;

8) Não registrar a nota sem antes retomar a prova com ele e verificar o que ele quis dizer com o que escreveu;

Portanto, diante desses antecedentes, é útil ao reeducador da leitura considerar as seguintes sugestões propostas por Condemarin & Blomquist (1988, p.59-60), a fim de conseguir uma boa relação com a criança:

- Explicar à criança em que consistem suas dificuldades e mostrar-lhe que não é responsável por elas, baseada no diagnóstico e de maneira compreensível para a criança, explicando o plano terapêutico que irá realizar-se;

- Manter uma atitude afetuosa e firme;

- Utilizar recursos ilustrados que estimulem a aprendizagem;

- Iniciar o atendimento utilizando materiais que contenham o nível de leitura que a criança domina, pois isso contribuirá para dar-lhe confiança, e só após deverá introduzir exercícios destinados a superar as dificuldades específicas da criança.

3.1 Auto-estima elevada ajuda no tratamento

Pouco adianta utilizar diferentes recursos pedagógicos se o estudante está com a auto-estima abalada. Muitas vezes ele já passou por vários traumas quando o diagnóstico finalmente é feito. A primeira tarefa do professor, portanto, é resgatar a auto confiança do aluno. “O segredo está em descobrir as habilidades dele para que possa acreditar em si mesmo ao se destacar em outras áreas, como as artes e os esportes”, explica orientadora Rosângela Nogueira Guedes, supervisora de 2ª e 5ª séries do Colégio Rio Branco.

Não é fácil encontrar a medida certa no trato com o disléxico. O professor deve ajudar, mas não superproteger. O ideal é trabalhar a autonomia da criança para que ela não comece a achar que é independente em tudo. Rosangela esclarece: “O professor pode, por exemplo, ler a pergunta em voz alta e certificar-se de que a proposta foi entendida. Mas não pode interferir no raciocínio dela dizendo o que é para fazer”. Quando o professor consegue acolher este estudante e respeitá-lo em suas diferenças, sem cair na armadilha do sentimento de pena, proporciona a ele um grande benefício. Mais do que isso, oferece também a toda a classe uma rica experiência de convivência com a diversidade.

Sobre todos estes dados e relatos que retirei da matéria da revista Nova Escola, concordo com estas profissionais, pois tudo isto que relatam vivencio com meu aluno na escola, desde a forma de fazer com que o mesmo compreenda o que é lido para ele ou ele próprio lê, onde sempre disponho de um maior auxílio para com o mesmo. Também no que diz respeito à auto-estima, sem dúvida é um dos recursos que utilizo para com o mesmo para que consiga realizar todas as tarefas, principalmente de forma correta. Muitas vezes ao errar algo, se sente frustrado, cansado, mas com uma ou muitas palavras de estímulo consigo novamente forças dele para que faça suas tarefas. Outro recurso que utilizo sempre é valorizar tudo que consegue fazer com facilidade ou mesmo suas habilidades, como na parte de desenhos, pinturas, cálculos, procurando sempre valorizar para que suas limitações não se acentuem tanto a ponto de fazê-lo regredir.

Também é muito importante desenvolver sua auto confiança, como sua autonomia, não pode ser dependente, é preciso saber que possui algumas dificuldades de aprendizagem, mas não é uma pessoa que não consiga a realizar suas tarefas de forma autônoma. O educador tem que saber a medida certa deste auxílio para não prejudicá-lo.

Além do apoio afetivo, a criança precisa de estímulos concretos, os quais devem registrar seus progressos. Da mesma maneira, o reeducador (profissional, que busca alternativas, métodos e técnicas para desenvolver de maneira mais eficaz os objetivos propostos com seus alunos, principalmente os alunos com necessidades educacionais especiais), que de acordo com o caso poderá ser o psicopedagogo ou fonoaudiólogo, deve estabelecer uma boa relação com os pais e também com o professor da criança, devendo fazer recomendações necessárias e que contribuam na superação das dificuldades.

Segundo a Fonoaudióloga e psicopedagoga Sônia Maria Pallaoro Moojen:

> “A intervenção do psicopedagogo ou fonoaudiólogo tem o objetivo de levar o disléxico a reencontrar-se consigo mesmo, a partir de mudanças do sistema motivacional, e vai variar conforme o tipo de dislexia: fonológica, lexical ou mista. O resultado esperado é favorecer um controle emocional durante a leitura e auxiliar para que tenha uma boa imagem de si mesmo e consiga conviver com as dificuldades. Partindo de textos curtos,

> interessantes e lidos de forma conjunta, o profissional deve possibilitar que a leitura desperte sentimento positivo no disléxico, auxiliando a melhorar a capacidade para operar com as regras que relacionam fonologia, ortografia e trabalhando a compreensão de textos, além de criar redes com a escola e a família."

As recomendações aos professores devem ser feitas através de um relatório escrito, localizadas no diagnóstico a fim de amenizar os problemas que impedem ou dificultam o desenvolvimento normal do processo de leitura do aluno disléxico. Esse tratamento deve ajustar-se, dentro do possível, ao que a criança precisa corrigir (nível de leitura e dificuldades específicas).

O reeducador deve distribuir o tempo para o cumprimento dos objetivos e auxiliar o professor a adaptar os exercícios ao tipo e grau de dificuldade apresentado pela criança, cuidando para que ele não apresente parágrafos ou textos que excedam suas possibilidades de leitura. Além disso, o conteúdo das frases e parágrafos empregados deve refletir, dentro do possível, o padrão de linguagem da criança, seu vocabulário natural e seus interesses temáticos. Os exercícios e os materiais empregados pelo educador devem ser reajustados permanentemente, de acordo com as novas necessidades que surgem no decorrer do tratamento e com uma avaliação periódica.

É importante considerar que o plano de tratamento varia de criança e também que não há uma linha única de tratamento. Somente se deve ir adiante após verificar se a etapa anterior foi absorvida pela criança, mas algumas atitudes tomadas pelo professor podem facilitar a vida escolar tanto do aluno disléxico quanto de qualquer outro que tenha dificuldades de aprendizado.

Conforme a Pedagoga e Psicopedagoga Lílian de Almeida P.B.Sá temos algumas estratégias educacionais que auxiliam o professor na inclusão da criança disléxica, tais como:

* Falar olhando diretamente para o aluno;

* Trazê-lo para perto da lousa e da mesa do professor;

* Verificar sempre e discretamente se ele demonstra estar entendendo a sua exposição;

* Certificar-se se as instruções para determinadas tarefas foram compreendidas;

* Observar discretamente se ele fez anotações da lousa e de maneira correta antes de apagá-la;

* Observar se ele está se integrando com os colegas;

* Estimulá-lo e incentivá-lo a acreditar em si, e sentir-se forte, capaz e seguro para realizar qualquer tarefa;

* Sugerir “dicas”, “atalhos”, “jeitos “de “fazer” e “associações” que o ajudem a lembra-se de como executar atividades ou resolver problemas;

* Não lhe pedir para fazer coisas na frente dos colegas, que o deixem na berlinda: principalmente ler em voz alta;

* Permitir, sugerir e estimular o uso de gravador, tabuada, máquina de calcular, recursos da informática e o uso de outras linguagens;

* Evitar situações em que a criança tenha que ler em voz alta diante dos demais;

* Não avaliar negativamente os erros disléxicos;

* Evitar a exigência da aprendizagem de outra língua;

*Tentar avaliar a criança dentro do seu próprio ritmo, não fazendo comparações relativas ao rendimento dos leitores normais.

Por não ser uma doença, não tem cura nem requer medicação. Entretanto, o diagnóstico precoce possibilita a superação dos maiores obstáculos na leitura e escrita. Mas os estudos a respeito desta síndrome levaram a inovações tecnológicas, como a apresentadas no site da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), dois sistemas informatizados que prometem auxiliar na detecção e no

acompanhamento da dislexia. Um deles é o software capaz de detectar a rota de leitura do paciente, baseado na segmentação das palavras em sílabas e fonemas, de forma a permitir a discriminação dos sons correspondentes a cada uma das letras, e que poderá ser usado para diagnóstico ou terapia. O outro programa oferecerá um texto para crianças de aproximadamente 10 anos, das quais é esperada uma leitura fluente, que proverá o total de palavras corretas e erradas e o tempo total da leitura. A permissão por parte da escola e dos professores em sala de aula de seu uso permitirá detectar o tipo das distorções cometidas, o nível de compreensão e o vocabulário da criança.

São muitas as estratégias e ferramentas que nós professores temos que analisar e decidir quais vem mais ao encontro de nosso aluno disléxico para que o mesmo consiga atingir sucesso em sua vida escolar. Não somente na sua vida escolar, mas sim em todos os espaços em que o mesmo vive. Para que não se sinta um ser inferior ou diferente dos demais, é preciso ser realmente incluído tanto na vida escolar como em todos os lugares que frequenta.

CAPÍTULO IV- ANÁLISE DE DADOS: A vida escolar de um disléxico

Utilizei da metodologia de estudo de caso para realizar a pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso por ser uma metodologia a qual observo a pessoa em estudo de forma contínua e diária, por um tempo favorável a pesquisa realizada.

Temos como conceito de estudo de caso:

Caso estudo, caso de estudo ou estudo de caso são expressões sinônimas que designam um método da abordagem de investigação em ciências sociais simples ou aplicadas. Consiste na utilização de um ou mais métodos qualitativos de recolha de informação e não segue uma linha rígida de investigação. Caracteriza-se por descrever um evento ou caso de uma forma longitudinal. O caso consiste geralmente no estudo aprofundado de uma unidade individual, tal como: uma pessoa, um grupo de pessoas, uma instituição, um evento cultural etc. Quanto ao tipo de casos estudo, estes podem ser exploratórios descritivos, ou explanatórios (Yin, 1993). Inicialmente esta metodologia nasceu da necessidade de transmitir na íntegra a complexidade de situações reais com as quais nos confrontamos todos os dias. A aplicação inicial deu-se na áreas da medicina, onde é impossível abraçar a totalidade dos factores que podem influir sobre determinada situação e que obrigam a vários avanços e recuos na forma como dirigimos a resolução do problema que é colocado.

Breve histórico do aluno

Iniciou estudando na escola Fundação Bradesco na pré-escola, com seis anos de idade. No início foi horrível, pois a escola achava que ele tinha déficit de atenção e ele chegou até a tomar ritalina.

No ano seguinte com sete anos fez a primeira série e reprovou. Depois no ano posterior, já com oito anos reprovou novamente.

Depois de dois anos de reprovação conseguiu ser aprovado para a segunda série, porém, não alfabetizado.

Quando veio para a escola que estuda atualmente, na segunda série reprovou novamente, pois não tínhamos ainda o diagnóstico de dislexia e a professora achava que poderia ter algum retardo mental.

Depois de muitos exames como tomografias acordado e dormindo, exame de audição etc. Finalmente chega o diagnóstico de dislexia.

O aluno foi matriculado em nossa escola no início de 2006, na 2ª série com 10 anos de idade. Desde então, sempre apresentou muitas dificuldades de aprendizagem e “parecia” não estar alfabetizado. A família foi chamada algumas vezes e a escola expôs as dificuldades do aluno. Porém, até então, se pensava que o aluno ainda não estava alfabetizado e por isso apresentava tais dificuldades. No ano de 2006, o aluno reprovou e a família culpava a escola pelas dificuldades do filho.

No início de 2007, o Serviço de Orientação Educacional chamou a família para conversar sobre as dificuldades do aluno no processo de aprendizagem, bem como fazer uma anamnese sobre o mesmo para auxiliá-lo ainda mais na aprendizagem. A mãe então relatou que teve uma gravidez conturbada, pois havia perdido um bebê com seis meses de idade e após um mês engravidou novamente. Sendo assim, acabou transmitindo insegurança, medo de perda para o filho que nascera. Além disso, acabou protegendo demais o mesmo, afetando o seu crescimento e autonomia.

No ano anterior quando ele tinha nove anos, chegou a ser medicado com metilfenidato para Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade. Porém tomou por um período curto de tempo. Nessa época fazia tratamento com fono e a escola sugeriu uma psicoterapia com a família e com o aluno. A mãe passou a colaborar mais com a escola e aceitar sugestões de tratamento.

No ano de 2007, o aluno fez alguns exames com neurologista e passou a ter atendimento com uma psicopedagoga.

No final do ano de 2006, o neurologista mandou um atestado para a escola falando de que suspeitava de dislexia, porém ainda precisava de uma confirmação da psicopedagoga.

Entre idas e vindas, o ano de 2007 se passou, o aluno foi aprovado, porém ainda não havia um diagnóstico comum dos profissionais.

O ano de 2008 foi meio conturbado para a família, pois houve problemas de saúde com um dos membros, atrasando o diagnóstico. Além disso, o aluno precisou trocar de psicólogo.

Em maio de 2008, quando o aluno já estava frequentando a 3ª série a mãe trouxe diagnóstico de DISLEXIA. A partir daí continuou tratamento com fono, psicólogo (de15 em 15 dias) e psicopedagoga (uma vez por semana).

Neste ano de 2008, reprovou, pois em conjunto com profissionais que o atendiam consideramos que ele não tinha condições de progredir para a série seguinte.

No ano de 2009, apesar de haver mudado a nomenclatura para 4º ano, os conteúdos da série em que ele estava no ano de 2008 eram os mesmo de 2009. Neste ano de 2009, a escola já começou a diminuir a quantidade de alunos em sala de aula para melhor atender o aluno, bem como fazer uso de metodologias mais adequadas a alunos disléxicos.

No ano de 2010, a escola percebeu um avanço significativo do mesmo. O aluno está fazendo produções de pequenos textos, além de demonstrar maior interesse pelas atividades escolares.

Observando o cotidiano escolar

A partir das observações feitas durante momentos de atividade cotidiana em sala de aula, foi possível notar que:

O aluno apresenta grande interesse em realizar atividades artísticas, onde apresenta muita criatividade e capricho.

Realiza todas as atividades propostas diariamente, porém às vezes se queixa, dizendo estar cansado. Percebo que ao copiar textos mais longos, o mesmo

expressa desinteresse e muitas vezes sente-se perdido. Além disso, sua caligrafia era muito ruim no início do ano, de modo que eu, não compreendia, hoje já consigo ler tudo o que ele escreve.

O aluno apresenta muita dificuldade na produção de frases, textos, porém a cada hora que passa está desenvolvendo-se muito bem, tendo produzido sozinho, por exemplo, um texto sobre o trânsito.

Possui tranquilidade em aprender conteúdos relacionados com a matemática, não tendo maiores problemas, mas quanto aos conteúdos em que é preciso memorizar nomenclaturas, o aluno não consegue.

Vejo-o com grandes potencialidades de aprendizado, mas devido ao seu transtorno de aprendizagem, a dislexia, precisa ter alguém para auxiliá-lo na hora das leituras e escritas.

Em todas as atividades desenvolvidas pelo mesmo, preciso auxiliá-lo. Não apresenta autonomia para realizá-las sozinho. Por exemplo, se eu entregar uma folha com atividades, o aluno ficará parado esperando até que alguém possa auxiliá-lo.

Seu currículo não é muito diferenciado dos demais colegas, aprende tudo e realiza todas as atividades como os demais, porém na hora de avaliá-lo tenho um olhar específico para o mesmo, levando sempre em conta suas potencialidades como também seu crescimento no decorrer do ano.

Percebo grandes mudanças em relação ao início do ano, de comportamento como também de aprendizado.

Atualmente precisa de auxílio, mas percebo que está mais autônomo, procurando ser mais independente na realização de suas tarefas.

Quanto ao seu relacionamento com seus colegas é tranquilo, mas por ser bem maior que os outros, às vezes na hora das brincadeiras no pátio, se salienta um pouco, sendo preciso chamar sua atenção para que não machuque seus colegas.

Sua sexualidade está bem aflorada e muitas vezes apresenta comportamentos bem acentuados precisando conversar com o mesmo.

Possui o acompanhamento e auxílio da professora da sala multifuncional a qual trabalha com o mesmo uma vez por semana, durante uma hora. Esta professora desenvolve com ele a questão de memória, fazendo com que ele consiga desenvolver sua memória, sendo que consegue assimilar os conteúdos a partir de repetições na forma oral. Precisa que aconteça a repetição várias vezes oralmente.

Também possui o acompanhamento do Laboratório de Aprendizagem, uma vez por semana, durante uma hora, onde a professora procura trabalhar mais a parte de escrita e dificuldades ortográficas, o processo de alfabetização. O aluno é alfabético, mas apresenta muitas dificuldades na escrita e leitura.

Realiza leitura, onde precisa pronunciar letra por letra, formando a sílaba e, após, a palavra. O mesmo não consegue ler uma frase de forma natural e fluentemente. Sendo que o que lê, não tem a compreensão, mas quando é lido para ele, apresenta uma compreensão significativa.

Quanto ao processo de avaliação, a professora ou monitora precisa estar junto auxiliando. Sua memorização é pouca, e não temos como exigir do mesmo que consiga guardar nomenclaturas.

Em relação às atitudes diárias, não tem diferença dos demais colegas, suas atitudes são semelhantes às dos colegas.

Quando lhe é dada uma ordem, assimila com tranquilidade.

Percebo que muitas vezes se sente constrangido quando está tendo o auxílio da monitora ao seu lado, pois se sente um pouco diferente dos demais, achando incômodo ter alguém para estar lhe auxiliando.

Realizei um trabalho de aceitação e conscientização da turma, para que os mesmos compreendessem o porquê seu colega precisa de auxílio. Também trabalhei no sentido de fazer com que o aluno disléxico aceite ajuda, não levando para o lado de inferioridade, mas sim de auxílio para o seu bem.

Hoje estou sempre procurando encontrar métodos e técnicas para trabalhar com o mesmo para que se sinta mais feliz e aceito no ambiente escolar. Tenho certeza que é feliz na escola, não vendo seu transtorno como algo ruim e sim apenas como uma dificuldade em que precisa de auxílio, mas que com seu esforço e dedicação consegue chegar ao sucesso escolar.

Atinge quase todos os objetivos propostos, tendo um potencial muito bom em termos cognitivos.

Uma das maneiras de fazer com que se sinta estimulado é a partir de elogios, preciso estar sempre o estimulando, elogiando tanto para seus colegas como para os professores da escola. O estímulo é essencial e indispensável.

Um dos cuidados que devemos ter em relação ao aluno disléxico é nunca o expor a situações que possam o deixa-lo inseguro e com medo. Então, sempre que lhe peço algo para realizar perante seus colegas, sempre o preparo primeiro para que o mesmo consiga realizar o que lhe peço de forma correta, para não ficar ridicularizado perante aos demais.

É muito participativo nas aulas, expondo suas experiências, levando em conta situações que já vivenciou.

Possui uma memória visual, de modo que sempre lembra de coisas que viu ou vivenciou.

Observando o aluno durante a realização de uma avaliação sobre Encontros Vocálicos e Encontros Consonantais de Língua Portuguesa, ficou ainda mais evidente para mim a questão da memória lenta, pois preciso a cada instante estar revendo com o mesmo os conceitos dos conteúdos. Porém, ele possui uma memória fotográfica rápida e com grande facilidade encontravam as palavras que precisa encontrar mesmo com tanta dificuldade na parte de leitura.

Retomando ao que diz Frank quanto às ferramentas para a leitura, ou seja, a necessidade de pedir que o mesmo leia e releia o material, conversar sobre o que leu, dar mais tempo para as leituras, ler aos poucos com intervalos frequentes, utilizar livros com versão em áudio, assistir a um filme inspirado no livro etc,

podemos concluir que todos os profissionais de nossa escola que desenvolvem atividades com o aluno estão no caminho certo, pois para um disléxico é preciso que leia e releia e que o professor esteja sempre o estimulando a desenvolver seu raciocínio para que consiga desenvolver também sua compreensão. Também é essencial utilizar de várias técnicas e recursos que o motivem em todas as atividades que desenvolve.

De acordo com a experiência adquirida durante o decorrer deste ano letivo, posso afirmar que não há um método, uma cartilha, uma receita para trabalhar com alunos disléxicos. Assim sendo, é preciso mais tempo e mais ocasiões para a troca de informações sobre os alunos, planejamento de atividades e elaboração de instrumentais de avaliações específicos.

Com certeza haverá uma relutância inicial ou dificuldade por parte de alguns professores para separar o comportamento do aluno disléxico de suas dificuldades, assim como receio do professor em relação aos companheiros de trabalho, aos colegas do aluno disléxico e seus familiares e em relação ao nível de aprendizado do aluno para enfrentar os desafios escolares, o vestibular, por exemplo.

Mas é preciso que a escola onde este aluno esteja seja bem informada a respeito da dislexia. A informação é o melhor remédio contra o preconceito e a relutância, pois todos nós devemos compreender que o aluno disléxico é um aluno como outro qualquer, apenas disléxico, e por isso deve ser tratado com naturalidade.

A partir das vivências e experiências que estou tendo com meu aluno disléxico, posso afirmar que estímulo é primordial para o sucesso escolar do aluno com dislexia, precisamos estar sempre o estimulando, bem como elogiando para que o mesmo se sinta capaz de realizar todas as atividades que seus colegas realizam. A monitoria também precisa acontecer de forma tranquila para que ele não se sinta diferente dos demais. Precisamos estar sempre em processo de mudanças, buscando as mais variadas formas de ensinar e de obter resultados significativos ao seu aprendizado.

Para completar os dados sobre este aluno com dislexia foram realizadas entrevistas com alguns profissionais da educação que atuam juntamente com a

professora titular, para que haja uma maior interação entre os mesmos em prol de um desenvolvimento, tanto cognitivo como pessoal do aluno analisado neste estudo de caso, entre eles destacamos a professora do Laboratório de Aprendizagem que contribuiu com importantes informações.

Em termos cognitivos, vejo que o aluno vem avançando em seus conhecimentos, dentro de cada conteúdo trabalhado. Apesar de sua memorização lenta, e muita repetição, o aluno está adquirindo conhecimentos novos dentro de sua necessidade educacional especial. Para realizar qualquer tipo de atividade com o mesmo é necessário que tenhamos muita paciência e perseverança, repetir, repetir muito as mesmas coisas dadas e retomar sempre. Trabalho com o mesmo a partir de várias técnicas e metodologias como:

Trabalho com leitura de histórias, leitura de conhecimentos gerais (pequenas), sempre lendo várias vezes e comentando fatos acontecidos na história, como: Onde se passa a história? Seus personagens, suas características. E explorando sua opinião como: O que poderia ser mudado na história? Se fosse você, qual final daria? Que outros personagens colocaria na história. Nos anúncios lidos, deixar falar e explorar seus comentários. Que outras notícias viu na TV, ou na Internet? Fazer muita interpretação oral.

* Pedindo que ele escreva a história do seu modo. Como ele entendeu.

* Trabalhos com jogos ou exercícios com grupos de palavras com vogais intermediárias omitidas.

* Grupos de palavras com vogal final omitidas e o aluno completa com a vogal e forma uma palavra significativa.

* Trabalha-se repetição de sílabas, suspensão de sílabas.

* Sequências de letras em palavras, inversões parciais, totais ou palavras (ai, ia, per, pré, fla, fal, me, em).

* Compreensão de piadas, provérbios e gírias.

* No estímulo de leitura realizamos jogos de cartas, onde tem que encontrar desenhos, letra inicial, palavras escrita com letras de forma ou cursiva, onde o aluno que conseguir formar todos os pares soma pontos.

* Após os jogos realiza-se ditado relâmpago, caça palavras, jogo da memória. Sempre lendo e repetindo palavra e som.

Enfim, vejo a inclusão destes alunos que apresentam essa dificuldade de aprendizagem naturalmente, mas sempre tendo um olhar maior para este aluno, bem como uma monitora para o professor atender o aluno de forma mais individualizada, pois ele precisa muito do trabalho individual, às vezes se encabula no grande grupo devido ao seu modo de ler e fazer as atividades.

Necessita também do Laboratório de Aprendizagem, onde o professor vai atendê-lo no pequeno grupo (2 a 3 alunos) e, às vezes, sozinho. É necessário um apoio psicológico positivo, já que, muitas vezes, com dificuldades de aprendizagem, tem auto-estima baixa.

Dentro de sua inclusão percebo que é um aluno normal com suas dificuldades e seus conflitos como todo adolescente. Observo um bom entrosamento com os demais colegas da turma e da escola no geral.

É muito gratificante trabalhar com este aluno, pois foi um processo lento, e hoje se vê um rendimento notável. Ele é um menino querido e muito educado, aprendo muito com ele.

É indispensável o professor conhecer um pouco sobre dislexia e sobre o aluno disléxico, para melhor poder planejar atividades para esse aluno. Atividades lúdicas, trabalhos em grupos, onde possa haver uma troca de conhecimentos entre os alunos, são atividades que podem auxiliar o professor. O professor precisa ter uma linguagem clara e direta com o disléxico e sempre perguntar se ele entendeu o que é para realizar. Deixá-lo sempre sentado ao lado do professor. É muito importante que o aluno disléxico seja sempre estimulado e valorizado, mas também é preciso haver cobranças em relação à leitura e fazer a correção quando for preciso das atividades incorretas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero o estudo que realizei durante a construção de meu Trabalho de Conclusão de Curso muito valioso tanto para mim como para todas as pessoas que poderão ter acesso ao mesmo, pois contém um material muito rico no que diz respeito à Dislexia, tanto para os profissionais da educação como para qualquer cidadão, já que vivemos em uma sociedade inclusiva, onde convivemos em nossos dia-a-dia com os mais variados tipos de necessidades especiais.

Considero a dislexia uma necessidade educacional especial, mas com inclusão escolar muito tranquila desde que possamos oferecer os recursos e técnicas necessárias para esta inclusão.

A dislexia é um transtorno de aprendizagem com dificuldades de leitura e escrita, onde não há um medicamento específico para o tratamento como também não há cura. O indivíduo nasce com este transtorno, acreditando-se ser hereditário, porém seu diagnóstico é um pouco complicado de ser identificado e, além disso, só pode ser feito a partir do momento que a criança começa sua vida escolar, ou melhor, dizendo quando a criança inicia seu processo de alfabetização, sendo antes desta fase impossível identificar este transtorno.

A vida de um disléxico é normal como o das outras pessoas, porém precisará sempre de um apoio maior como também de incentivo por parte de todas as pessoas que os cercam. Precisará também de uma maior força de vontade como também nunca desistir de seus ideais e sonhos.

Enfim tenho certeza que aprendi muito com este TCC e que irei utilizá-lo sempre que tiver necessidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A inclusão do disléxico na escola. Disponível em: http://www.dificuldadesdeaprendizagem.com/modules/news/index.php.

Acesso em: 03/09/10

Como interagir com o disléxico em sala de aula. Educação Inclusiva 19/julho de 2010. Disponível em: http://www.universoneo.com.br/edinclusiva/como-interagir-com-o-dislexico-em-sala-de-aula .

Acesso em: 25/09/10

Disléxicos saibam seus direitos. Disponível em: http://dislexicosaibaseusdireitos.blogspot.com/2008/04/leitura-como-sabemos-seja-para.html. Acesso em: 16/08/10

FELTRIN, A. E. **- Inclusão Social na escola.** Quando a pedagogia se encontra com a diferença, São Paulo, junto à banca de Centro Universitário Salesiano – Unisal, no ano de 2002.

FRANK, R. LIVINGSTON, Kathryn E. **A vida secreta da criança com dislexia**, Como ela pensa. Como ele sente. Como eles podem ser bem sucedidos. São Paulo: M. Books do Brasil, 2003.

GOMES, F. **Como conhecer o cérebro dos disléxicos!** Disponível no: http://noticiaseducacionais.blogspot.com/2007/12/dislexia-uma-sndrome-ainda-pouco.html. Acesso dia 10/10/10

GUEDES, R.N. Supervisora de 2ª e 5ª série do Colégio Rio Branco. Texto: **Como as artes e os esportes**. Postado por professora Sulivam Simone. Disponível em: http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0188/aberto/mt_106399.shtml

Acesso em: 22/09/10

HOUT, Anne Van, ESTIENNE, Françoise. (2001). **Dislexias: descrição, avaliação, explicação e tratamento.** Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed.

MARTINS, V. **Curso em Capacitação em Dislexia**.Disponível no:**vicente.martins@uol.com.br.** Acesso em 25/09/10.

MARTINS, V. **Dislexia e o Papel da Família na Formação de Leitores Competentes**. Disponível em: **http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/disfam.html.** Acesso em 30/09/10

NICO, M.A.N. Fonoaudióloga e Psicopedagoga Clínica; Diretora e Coordenadora Técnica e Científica da ABD. Disponível no: http://www.dislexia.org.br/material/artigos/artigo003.html, material de apoio. Acesso em 06/10/10

O papel do Psicopedagogo ou Fonoaudiólogo e da Escola. Disponível em: http://dislexicosaibaseusdireitos.blogspot.com/2008_04_01_archive.html.

Acesso em 16/10/10

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. **Caso estudo**. Disponível no: **http://pt.wikipedia.org/wiki/Estudo_de_caso.**

Acesso em 20/10/10

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. **Desenvolvimento Cognitivo Humano**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_cognitiva...

Acesso em 23/09/10

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_estudo Acesso em: 02/11/10

PESTUN, M. S. V. **Avaliação Psicopedagógica em Dislexia**: **Um estudo de caso**. Disponível no: http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/DISLEXIA.htm
Acesso em 29/09/10

Revista Nova Escola – **A revista de quem educa**. Fundação Victor Civita Pág. 66

Revista Nova Escola **- A revista do professor –** Junho e julho de 2004

APENDICES

Entrevista realizada com a professora do Laboratório de Aprendizagem

Perguntas

1) O que você entende por dislexia?

2) Como você vê o aluno disléxico em termos cognitivos?

3) Quais as maneiras que você trabalha com este aluno?

4) Como você vê sua inclusão na escola?

Entrevista realizada com a Orientadora Educacional

Perguntas

1) O que você entende por dislexia?
2) Como você vê a inclusão do aluno disléxico na escola regular?
3) Quais as maneiras de trabalhar com o aluno disléxico?

Entrevista realizada pela professora, com a mãe do aluno com dislexia:

1) O que você entende por dislexia?

2)Quando obteve o diagnóstico de dislexia, o que sentiu?

3)Como trata seu filho no dia-a-dia?

4)O que a família faz para auxiliá-lo?

5)Como foi para a família e para ele próprio saber e aceitar que tinha este transtorno de aprendizagem?

AUTORIZAÇÃO FEITA PARA QUE A PROFESSORA PUDESSE OBSERVAR SEU ALUNO, DURANTE A CONSTRUÇÃO DO TCC

Srs. Pais ou Responsáveis

Eu, Cátia Cilene da Silveira Titoni, professora do aluno ..... , estou realizando um Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema “Dislexia”.

Solicito sua autorização para observá-lo durante as aulas, no período do segundo semestre do ano vigente, a fim de servir como base para a construção de meu trabalho.

Autorizo a professora Cátia Cilene da Silveira Titoni a observar meu filho.

Assinatura do responsável:.....